

SINAL DE ALERTA

Depois da decepção em ver o presidente do Senado, Jader Barbalho, assinar o pedido de CPI dos partidos de oposição, Fernando Henrique Cardoso decide ele mesmo ir a campo para tentar evitar que outros senadores da base aliada ao governo levem a idéia adiante

Cardoso, Fernando Henrique

FHC entra em cena

Fazer CPI para quê? Para apurar o que já se apurou, fazer barulho e criar instabilidade? Isso é deslealdade"

Fernando Henrique Cardoso
no dia 8 de março, no lançamento do seu plano de governo para os dois últimos anos de mandato

Denise Rothenburg
Da equipe do Correio

Depois da quarta-feira de pânico, quando o presidente do Senado Jader Barbalho (PMDB-PA) anunciou que iria assinar o pedido de instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar denúncias de corrupção na administração pública, os líderes aliados ao governo foram a campo para tentar evitar que a decisão parlamentar paraense contagiasse outros senadores peemedebistas e até mesmo de outras legendas. A preocupação era tanta que no início da tarde, o próprio presidente Fernando Henrique começou a telefonar para alguns senadores para expor suas preocupações.

A operação anti-CPI no Senado começou na noite de quarta, depois que Jader anunciou seu apoio. No Palácio do Planalto, o presidente reuniu os líderes do PMDB, Renan Calheiros (AL), do PFL, Hugo Napoleão (PI), e do PSDB, Sérgio Machado (CE). Cada um expôs a situação em seu partido. O maior temor era de que outros senadores vissem no gesto do presidente do Senado uma espécie de "estouro da boiada" e houvesse uma corrida pró-CPI. Jader anunciou e fez. Assinou oficialmente o pedido de CPI ontem à tarde, em seu gabinete de apoio, longe das câmeras de TV, e mandou o documento para o senador José Eduardo Dutra (PT-SE). Jader se referiu à decisão como "incontornável" e assegurou que não trabalhará para que outros senadores do PMDB façam o mesmo. "Não sou mais líder do PMDB e estou deixando a presidência do partido. Meu gesto não é partidário".

Depois, passou o dia tentando convencer Deus e todo mun-

do que Fernando Henrique entendera seu "gesto". "O presidente compreendeu esse episódio como sendo de natureza pessoal", dizia a quem quisesse ouvir, embora isso não seja bem verdade. Na mesma quarta-feira, quando Jader conversou com FHC para explicar suas razões, o presidente, em reunião com líderes, demonstrou todo o seu descontentamento com a atitude do peemedebista.

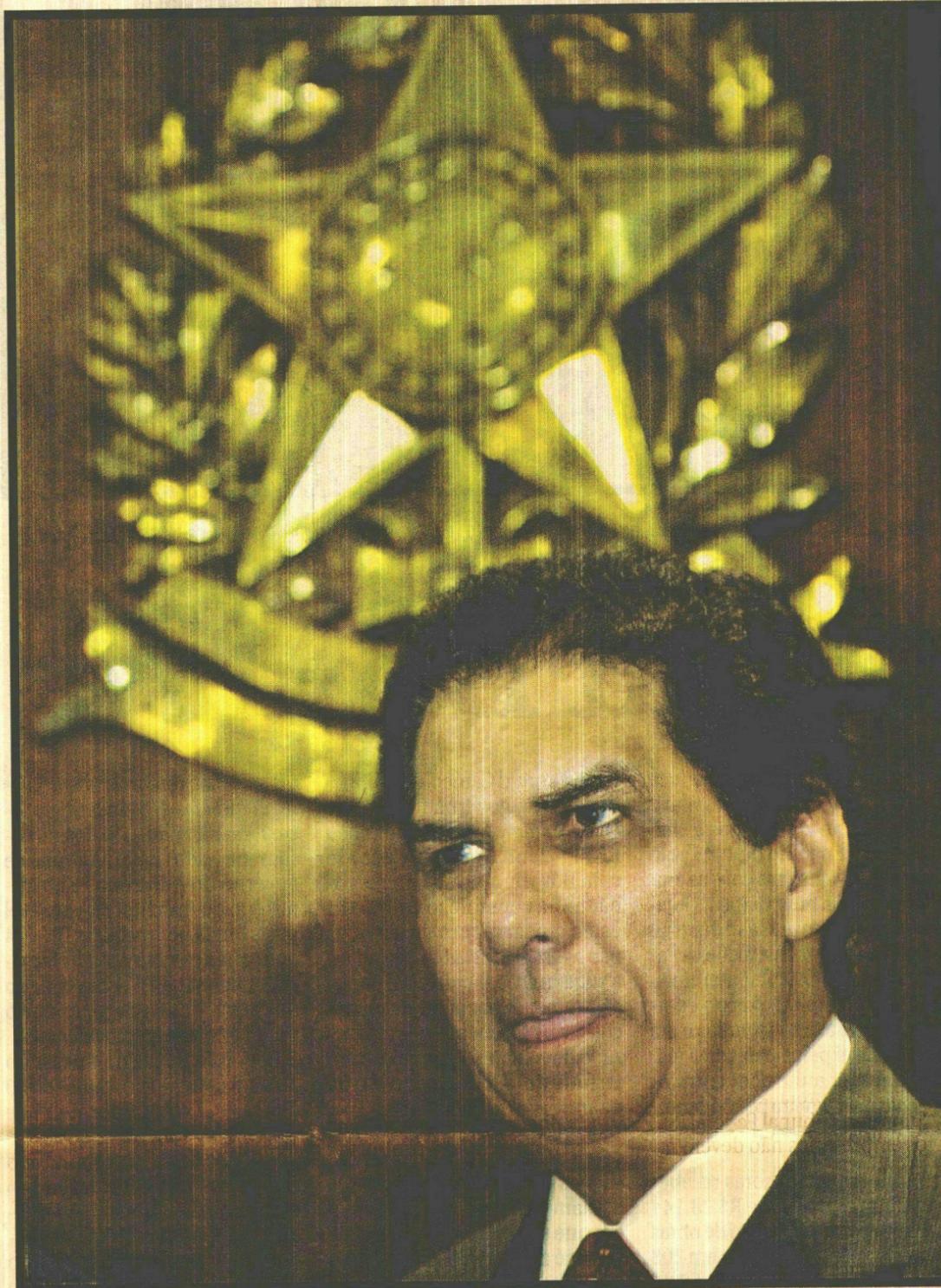
COLLOR

Jader, na verdade, só assinou a CPI porque foi citado no pedido da oposição como receptor de cheques do Banpará quando era governador de seu estado, em 1984. Não assinar poderia passar a idéia de que não queria ser investigado. O movimento do partido, a cargo do líder Renan Calheiros, foi no sentido de adiar a reunião marcada para tirar uma posição oficial do PMDB sobre a CPI. Até porque o PMDB é o maior problema do governo. Incluindo Jader, a expectativa dos líderes é a de que sete senadores peemedebistas assinem a CPI: Pedro Simon (RS), Maguito Vilela (GO), José Fogaça (RS), Roberto Requião (PR), José Alencar (MG) e Amir Lando (RO).

Alencar e Lando são promessas. O próprio Fernando Henrique telefonou para Alencar e ponderou que a CPI "faz parecer lá fora que o Brasil é um mar de lama, quando todos sabem na verdade que o leva a essa CPI é um processo político construído artificialmente".

O presidente falou ainda com o senador José Fogaça (PMDB-RS). Fernando Henrique se referiu ao governo Fernando Collor como um exemplo do que não acontece na sua administração: "Eu mando apurar, como fiz no caso do DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagens) e da Sudam (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia)", disse o presidente, referindo-se aos inquéritos no Ministério da Integração Nacional sobre a Sudam e na Advocacia Geral da União (AGU) sobre o DNER.

Com esse discurso, e a lista dos 81 senadores em mãos, o governo



JADER ASSINOU ONTEM O PEDIDO DE CPI PARA INVESTIGAR DENÚNCIAS DE CORRUPÇÃO: GESTO "INCONTORNÁVEL"

espera conter a onda pró-CPI de anteontem. Embora o presidente não tenha conseguido evitar que Alencar assine o pedido de CPI — o senador afirmou que gosta do presidente, mas não tem como deixar de assinar — os líderes acreditam que conseguirão conter outros senadores. "Na pior hi-

pótese, chegaremos a 25 assinaturas", disse o líder do PFL, Hugo Napoleão (PI).

Para instalar uma CPI são necessárias 27 assinaturas. Entre os pefelistas, apenas Waldeck Ornélas (PFL-BA) diz que tende a assinar, mas ainda não o fez. Paulo Souto (PFL-BA), outro

carlista, já informou a Napoleão que não pretende apoiar o requerimento por ser muito amplo. Explica-se: Paulo Souto é um dos nomes que deve se manter próximo ao governo, uma forma de evitar que o PMDB e o PSDB controlem os cargos federais na Bahia.